

=BOCA=>E RUA=23 ANOS

IMPRESSO

Ano XXII, número 84, abril, maio, junho, julho 2023 – Preço: R\$ 3,00

Este jornal é vendido por:

Não compre de crianças e adolescentes



Foto Michelle/Boca de Rua/ Agência Alice

HARMONIA tem preço

Cadê o Parque Harmonia? Aquela que era um albergue a céu aberto para nós e um lugar de lazer para toda a população? Venderam, destruíram, cortaram árvores, encheram de cimento, asfalto e cercas. Não tem mais parque e, muito menos, harmonia.



Leia mais:
Pesquisa revela que Fasc manipula dados sobre a PopRua





O PRECONCEITO ANDA PELAS RUAS, VIAJA DE ÔNIBUS E DE TREM

O discriminação e o racismo estão por toda a cidade, viajam de trem e de ônibus, Tanto na Rodoviária como no Trensurb, a gente bota o pé e os guardas botam o olho. Na Rodoviária, já expulsam de cara e, se a pessoa protestar, é violência na certa. Aliás, quando se dirigem a nós, quase sempre é num tom irritado, mandão. São raras – raríssimas – as abordagens feitas com educação.

Morador de rua é sempre vigiado e olhado com desconfiança. Afinal, quem tem o direito de ir e vir? Pela lei, qualquer cidadão. Então, por que o povo da rua é barrado em tantos lugares? É pela roupa, pela cara, pelo cheiro? Estamos marcados? Por que precisamos sofrer abordagem de polícia e da segurança sem termos feito nada, quando estamos tomando sol na praça ou, simplesmente, caminhando? Isso é ilegal, porque somos cidadãos como qualquer outro desta cidade. Pagamos imposto, sim, quando compramos nossos alimentos e outras coisas que necessitamos. Temos direito de ir e vir sem sermos importunados.



Na Rodoviária e no Trensurb os guardas não deixam os moradores de rua em paz

Foto Anderson /Boca de Rua /Agência Alice

De cidadão, para cidadão

A direção do Trensurb se negou a dar entrevista ao Boca. Em um primeiro momento, enviamos uma solicitação para a assessoria de imprensa que nos respondeu perguntando que jornal era este. Explicamos que era o único feito e vendido por pessoas com trajetória de rua no mundo e que existia há 23 anos. Chegaram a indicar um contato, mas nunca mais nos deram notícias. Só quem aceitou conversar conosco – com muita educação – foi o funcionário, Ivanhoé Reinosso, que trabalha lá há 13 anos, mas deixou claro que falava como cidadão e não como representante da empresa. Ele disse: “Quando aparece alguém pedindo carona, depende muito da situação. Acho que não teria problema dar um passe, mas às vezes a pessoa está alcoolizada, ou causando transtorno. Aí o funcionário não pode autorizar”.

Moedas, por favor

“Moedas, por favor”. Parece frase de pedinte, mas não é. No caixa da venda de passagens do Trensurb, está escrito: “Facilite o troco com moedas, por favor”. Porém, se alguém com “cara de morador de rua” for contar as moedas para pagar seu ticket, um guarda já encosta ao lado. Carlos relata o ocorrido: “Eu tava com o Tuti. A gente ia pegar o metrô e eu fui pagar com moeda, porque ali no guichê tá escrito ‘Moedas, por favor’. Mas veio um cara e começou a gritar: ‘Vamo lá, meu. Anda rápido, conta logo estas moedas’. Eu segui contando. A caixa me disse: ‘Conta ali no cantinho’, mas eu não saí. Então, o segurança começou a encher. Eu me estressei. Achei uma falta de respeito. Ficou claro que era discriminação”.

E não é só com o povo da rua que isso acontece. O pessoal da periferia também sofre pressão. A galera que canta rap de improviso no trem – e faz rir até os passageiros com cara de brabo – conta que precisa ir na manha, porque não dão autorização. Com os ambulantes é a mesma coisa. Eles escondem o produto para entrar na estação. Estão trabalhando, mas são tratados como se estivessem cometendo uma ilegalidade.

Medo de abrir a boca

Na Rodoviária expulsam e batem nos moradores de rua. “A situação por lá está tenebrosa”, conta Alexandre Português. Tanto que o povo que dorme na volta morre de medo de abrir a boca e foge quando vê câmara ou repórter. Mas o Boca já presenciou, fotografou e denunciou na edição de julho/agosto/setembro de 2022 situações de violência, quando os seguranças deram duas rasteiras em uma pessoa que acabou batendo a cabeça e tendo convulsão. Os guardas impedem as pessoas de entrar. Até tiraram os bancos da parte de cima para evitar que o povo durma ou

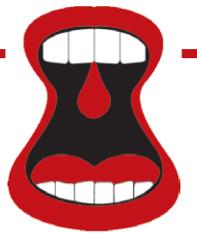
simplesmente descanse um pouco por lá e também proibem de usar os chuveiros.

Alexandre dá um exemplo: “Um dia paguei um pastel para uma senhora que estava com fome. O guarda mandou eu e ela sair. E a gente não tava fazendo nada. Eles tão arriando o pau”. Ele diz que em outros estados o tratamento não é tão violento. Quando estive em São Paulo, até consegui uma passagem de volta por meio de um serviço especial que atende migrantes e moradores de rua.

Quando os repórteres do Boca estavam fazendo uma

entrevista com um senhor de cadeira de rodas, veio um segurança e disse que ali dentro da Rodoviária não se podia entrevistar sem permissão. E ele só apareceu quando viu a gente falando com esta pessoa que era morador de rua.

Jorge Rosa que trabalha na supervisão da Rodoviária aceitou dar entrevista para o Boca e falou que ali onde ele trabalha eles costumam conversar com educação com as pessoas. Mas não se responsabilizou pela segurança terceirizada. O chefe dos guardas não estava na Rodoviária.



“ESTAMOS NUMA GUERRA”

“Sou anarquista. Eu luto contra essas instituições infecciosas. O Brasil tem 10% da riqueza mundial, mas existe uma má distribuição de renda neste país dominado pelos quartéis e por igrejas que nos tratam com fê em vez de luta. Eu vim da Bahia, tenho 49 anos de idade, já sou avô. Estou há uns cinco meses sem tomar um banho decente. Aqui na Rodoviária eu reclamei porque eles cobram R\$20,00 pra tomar um banho de oito minutos. Meu cabelo é grande, o sabão bem pequenininho. Eu chegava a gastar R\$40,00 pra tomar um banho. E por eu reclamar, me cortaram o chuveiro. Nós temos um país onde não se sabe o que é democracia. A democracia é o direito à expressão, é o direito à filosofia, à educação. Nós nunca vamos pra frente num país onde sustentam grandalhões da TV como o William Bonner – da Rede Globo – a R\$1 milhão, o Galvão Bueno a R\$1 milhão, o Faustão, também R\$ 1 milhão. Onde homens ganham R\$ 300, 400 mil reais por mês, enquanto outras pessoas se tornam dependentes de R\$ 600,00 do governo, vivem com R\$ 20,00 por dia, vendem caixa de balinha, se humilham para uma alta sociedade fascista. Nós precisamos de educação, formação, empregos, salário que nos desmarginalize. Sim, porque quem fuma maconha e crack não é bandido. Bandido é aquele que rouba a educação dessas pessoas. O bagulho é louco. Nós estamos numa guerra”.

(Depoimento de George Lambert, na Rodoviária)



Tudo o que George queria era tomar um banho decente, mas nem isso deixaram ele fazer

Foto Anderson /Boca de Rua /Agência Alice

Cadeirantes não são prioridade

Só os cadeirantes e os seus familiares sabem o problema que é se locomover na cidade. Nem vamos falar das calçadas que estão esburacadas por toda a cidade, ou da falta de rampas e acessos. Vamos comentar sobre os ônibus especiais para quem usa cadeira de rodas. Os poucos que têm, estão sem revisão, caindo aos pedaços. O equipamento tranca, o motorista precisa sair para fazer funcionar com o pé. Um dia desses, o Carlos acompanhava o Zóio – que é paraplégico – e precisou levantar sozinho a plataforma. Chegou a rasgar os tênis. E o pior é quando o ônibus nem para porque o aparelho está estragado.

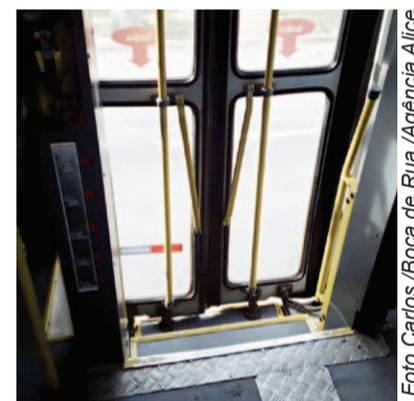


Foto Carlos /Boca de Rua /Agência Alice

Anarquismo não é bagunça

Muita gente acha que anarquismo é confusão, bagunça, falta de ordem. Não é. Nós pesquisamos e a definição é a seguinte: “O Anarquismo sustenta a ideia de que a sociedade existe de forma independente e antagonica ao poder exercido pelo Estado, sendo este considerado dispensável e até mesmo nocivo ao estabelecimento de uma autêntica comunidade humana”. Traduzindo, entendemos que é uma autogestão, sem rei, sem um governo da maneira que a gente conhece e sem quartel.

O nosso colega Sombra – que é punk e anarquista – nos explicou que o Anarquismo defende a liberdade, que é contra o domínio e a autoridade, e que os próprios cidadãos podem se organizar. Não concorda com a divisão de classes sociais, é contra a propriedade privada e o capitalismo. Também aceita todo o tipo de religião.

Neste sentido, chegamos à conclusão que o Boca tem inspiração anarquista porque lutamos por nossos direitos, tomamos decisões coletivas depois de debatermos nossas idéias.



O Anarquismo é uma forma de viver

Foto Ana Paula /Boca de Rua /Agência Alice



Os punks não reconhecem governo e produzem zines com suas ideias



Existem muitos anarquistas em Porto Alegre

Foto Carlos /Boca de Rua /Agência Alice



CIDADE PROIBIDA

Somos indesejados na própria cidade onde moramos. Tiram nossos pertences e rasgam os documentos que nos tornam cidadãos aos olhos da lei. Porto Alegre não é um porto seguro e nem é alegre para nós. Até os animais domésticos têm mais aceitação e os imigrantes são tratados melhor do que nós.

A sensação é que querem que a gente suma das ruas. E a prefeitura até tem feito isso com os números. Eles “desapareceram” com milhares de pessoas nas estatísticas deles. Durante uma reunião convocada pela Comissão de Defesa do Consumidor, Direitos Humanos e Segurança Urbana (CEDECONDH) – ocorrida na Câmara Municipal, no dia 13 de junho e coordenada pelo vereador Pedro Ruas – foi apresentada uma pesquisa muito detalhada feita pelo grupo Passa e Repassa que provou a manipulação dos números oficiais (veja destaque “Quantos somos, realmente?”). Importante: o secretário de Desenvolvimento Social, Leo Voigt, foi convidado mas não apareceu.

A falta de moradia, alimento, atendimento à saúde e a insegurança pessoal foram os principais tópicos levados na reunião, que contou com a presença de representantes do movimentos sociais



Somos barrados e enxotados na nossa própria cidade...

Foto Jô /Boca de Rua /Agência Alice

e autoridades diversas. Após três horas e meia de reunião foram aprovados os seguintes encaminhamentos:

- Solicitar ao município a realização de um censo dos moradores de rua que tenha acompanhamento com a Pastoral do Povo de Rua e as instituições que trabalham com moradores de rua.
- Pedir a reabertura plena (com todas as secretarias) do Comitê do povo de rua que foi fechado em decorrência da Covid 19 e nunca mais reabriu.
- Respeito às organizações oriundas dos próprios moradores de rua e às que as apoiam.
- Implantação de uma política habitacional.
- Acolhimento na área da saúde
- Fim da truculência que tem sido praticada pela guarda municipal para com os moradores de rua
- Exigir a implantação das câmeras nos uniformes da guarda municipal, como forma de resguardar as duas partes – morador de rua e guarda.
- Interromper as remoções de moradores de rua durante o inverno.
- Mudança no modelo de atendimento nos abrigos.
- Transparência na ocupação das anunciadas vagas.



Foto Emerson /Boca de Rua /Agência Alice

...onde não temos o direito de ir e vir como os demais cidadãos

Quantos somos, realmente?

“(…) No que se refere ao número de pessoas em situação de rua em Porto Alegre, este estudo identificou a discrepância e subdimensionamento dos números da Pessoas em Situação de Rua (PSR) utilizados pela FASC – 2.518 pessoas em agosto de 2021, frente aos dados disponibilizados pela Coordenação do Acesso e Qualidade do Ministério da Saúde – **5.788 pessoas cadastradas e ativas em dezembro de 2022 em Porto Alegre, além dos 3.796 novos cadastros realizados entre 2020 a 2022.**”

E se o cálculo estiver errado?

“Operar processos de gestão pública com o desconhecimento ou mascaramento desses números impossibilita estabelecer estratégias de longo prazo resolutivas, gera uma oferta insuficiente de ações e incorre na violação de diversos direitos da PSR”, diz a pesquisa do “Passa e Repassa”, que foi anexada a uma ação civil pública (Nº 5053278-52.2019.4.04.7100/RS) gerada porque a Prefeitura não cumpriu um acordo firmado em 15/07/2022 que trata do atendimento à PopRua.

Fonte: pesquisa “Passa e Repassa” (Ufrgs/Unissinos) e Conselho Municipal da Saúde (CMS)



TIRAM AS NOSSAS COBERTAS NOS DIAS FRIOS

O inverno em Porto Alegre castiga o povo da rua. Frio, chuva e descaso da prefeitura tornam a vida das pessoas bem difícil. E o pior: tiram as nossas cobertas para nos obrigar a deixar o local onde dormimos. Chega a Guarda Municipal, a Romu (Ronda Ostensiva

Municipal), os caminhões da limpeza pública e levam tudo.

Se a gente entrar numa casa alheia e pegar os pertences do dono, nos prendem como ladrões, mas eles (governo e forças da segurança) se acham no direito de tirar o que é nosso. Isso é

legal? Isso é justo? Quem disse que a lei é para todos?

A chamada Operação Inverno da prefeitura é uma piada. Nunca funciona. O povo precisa se virar como pode. E ainda criticam se a gente toma uma cachacinha para esquentar e esquecer.



Foto Boca de Rua / Agência Alice

Os albergues e abrigos não têm vagas para todo mundo que dorme na rua

Os furos da Operação inverno

(...) Projeto Operação Inverno foi encaminhado ao Conselho Municipal de Assistência Social apenas em 08/05/2023, mesmo tendo sido solicitado desde Novembro de 2021. Para 2023 o mesmo apresenta a ampliação de oferta de apenas 33 vagas de atendimento na fase ordinária, com hospedagem em albergues e acolhimento institucional em abrigo. Porém o referido projeto também apresenta as vagas já existentes em hospedagem em pousadas. Salienta-se que no projeto não constam informações sobre a ampliação de metas de atendimento diurnas em Centros Pops, nem em outras equipes da rede. No projeto sinaliza-se a necessidade de:

– articulação entre as equipes e serviços de atendimento, em especial à noite, visto que há um lapso de tempo entre o fechamento dos equipamentos especializados que atendem durante o dia (CREAS, CENTRO POP e algumas unidades de saúde até as 17h) e albergues e o próprio

Ginásio para atendimento extraordinário, iniciam o atendimento às 19 horas.

– Profissionais de referência em todas as equipes para agilizar os encaminhamentos.

– Fase Extraordinária: é relevante identificar se os profissionais envolvidos estão dentro do previsto na política de assistência social, a fim de dirimir possíveis atravessamentos no atendimento à PSR, que podem ocorrer caso não haja preparo, conhecimento e atribuições bem nítidas. Ainda sobre esta fase é importante identificar os recursos financeiros e humanos, bem como, a carga horária do atendimento realizado no ginásio e capacidade de atendimentos. Dados estes que não constam no documento enviado ao conselho e nem nas redes sociais da gestão pública municipal.

– Faltam informações sobre acessibilidade e atendimento a famílias, idosos e população LGBTQIAP+ em situação de rua.

– Central de abordagem: O número de profissionais é insuficiente, gerando espera, o que é uma queixa recorrente; – Quando ocorrem remoções: não há rede para encaminhamento desta população e tampouco ocorre articulação com a rede existente.

– Preocupa-nos que a Secretaria de Segurança, responsável pela Guarda Municipal, que executa as remoções também está citada enquanto equipe para a fase extraordinária, isto é, há conflito de ações (quem expulsa, também está no espaço de acolhimento).

– E surge também um questionamento: haverá espaço de isolamento nos locais citados na fase ordinária e extraordinária, visto a difundida contaminação do vírus da Gripe e Covid19? (...)

Fonte: pesquisa elaborada pelo “Passa e Repassa” (Ufrgs/Unissinos) e Conselho Municipal da Saúde (CMS)

Em que mundo eles vivem?

“A distribuição de quentinas nas ruas é parte do problema, não da solução.”

(Leo Voigt, secretário de Desenvolvimento Social de Porto Alegre, site da Rádio Guaíba, 28 de junho 2023)
<https://guaiba.com.br/2023/05/18/moradores-de-rua-melo-critica-quantidade-de-barracas-mas-nega-projeto-de-higienizacao-na-capital/>

“Em 2021, as equipes da Fasc cadastraram 2.518 pessoas em rua domicílio em Porto Alegre. Nos primeiros seis meses de 2022, foram identificados 1.685.”

(Leo Voigt, secretário de Desenvolvimento Social de Porto Alegre, em artigo publicado na Zero Hora de 12 de outubro de 2022 e, também, no site da prefeitura)
<https://prefeitura.poa.br/smds/noticias/artigo-protoger-pessoas-em-situacao-de-rua>

“Porto Alegre conta com 950 vagas para moradores em situação de rua, entre albergues, abrigos e pousadas. Ressalto aqui que não há déficit de vagas. Algumas delas, inclusive, têm espaço com canil para receber animais das pessoas.”

(Leo Voigt, secretário de Desenvolvimento Social de Porto Alegre, site da prefeitura 18 de maio de 2023)
<https://prefeitura.poa.br/smds/noticias/artigo-protoger-pessoas-em-situacao-de-rua>

“Eu não vou permitir mais essa quantidade de barracas na cidade.”

(Sebastião Melo, prefeito de Porto Alegre, site Rádio Guaíba em 28 de junho de 2023)
<https://guaiba.com.br/2023/05/18/moradores-de-rua-melo-critica-quantidade-de-barracas-mas-nega-projeto-de-higienizacao-na-capital/>



PLANTAS E TAPUMES

Cada vez a cidade fecha mais as portas para nós. O viaduto da Borges que abrigava muita gente do frio e da chuva hoje está todo fechado com tapumes. Oficialmente está em reforma, mas dá para ver muitos problemas sem solução como as rachaduras. Nesta “higienização”, vale tudo para tirar as pessoas das ruas. Até flores. O pessoal que costumava se abrigar em baixo de uma aba, no Bradesco da Protásio, em frente ao Hospital de Clínicas foi retirado. No lugar, construíram floreiras. Muita gente deve ter achado bonito substituir pessoas necessitadas por plantas. Eles chamam de “paisagismo”. Paisagem sem gente



ANTES



DEPOIS

Foto Carlos /Boca de Rua /Agência Alice

Foto Carlos /Boca de Rua /Agência Alice

Como no faroeste

Existem muitos locais proibidos para a PopRua. Cidades inteiras. Mal botamos o pé e já somos “convidados” a sair. Nestas cidades ninguém (ou quase) dorme na rua. E não é porque existem boas políticas públicas por lá e sim porque qualquer “suspeito” é expulso, como naqueles filmes de faroeste, quando chegava um forasteiro e o xerife dava o recado para ele sumir do lugar. Acontece principalmente nos locais onde têm muitos

descendentes de europeu. Temos relatos de coisas que ocorreram em Camboriú, Blumenau, Araricá, Nova Hartz, Campo Bom, Caxias do Sul e outras cidades.

Na Oktoberfest, em Blumenau, por exemplo, ambulantes e gente de fora (pobres) são aceitos para fazer o trabalho braçal. Mas depois que termina a festa, chega alguém e diz: “Vai embora que aqui é perigoso”. Bem assim: “PERIGOSO”. É uma ameaça, na verdade.

Em Campo Bom levam direto para o Centro de Recuperação e lá te mandam ir embora da cidade, sem muita conversa. Em Caxias, qualquer “suspeito” tem que tirar um “nada consta” até para entrar nos albergues. E os PMs ainda dizem “Nada consta mesmo?” É como se existissem barreiras que não deixam passar negros e pobres. E, pelo jeito, Porto Alegre está seguindo este modelo

Como na Idade Média

Na nossa cidade, existem vários lugares proibidos, além de praças e cal-

çadas. Os condomínios, por exemplo. Sem indicação, ninguém entra, mesmo que seja para trabalhar. Sem endereço, muito menos. Alguns deles como o Terra Ville tem até fosso, só falta os jacarés para serem que nem os castelos da Idade Média. Lá dentro é uma beleza, as casa não tem grades, as criancinhas brincando, laguinho. Mas existem câmara de segurança por tudo quanto é canto e para entrar parece presídio. Só falta revistarem. Se alguém estranho chega, aparece um monte de motos de segurança.

Sabe com quem está falando?

Tem uma frase muito comum que as pessoas costumam dizer para os mais humildes quando ocorre alguma discussão: “Sabe com quem está falando?”. Pois isso foi invertido em um dia do mês de maio, na frente do Supermercado Zaffari da Lima e Silva. Simoni e Emerson estavam vendendo na calçada e o guarda começou a se invocar. Os dois permaneceram no local porque não estavam fazendo nada de errado, ao contrário, estavam trabalhando. Lá pelas tantas, o segurança disse: “Vou dar um soco na cara deste negão”. Simoni se indignou e respondeu no ato: “Tu sabe com quem está falando? Sou jornalista do Boca de Rua e quero falar com o gerente!”. Falou e registrou ocorrência no Palácio da Polícia. É claro que também por lá teve discriminação, puxaram ficha, se invocaram. Por fim, fizeram a ocorrência e os dois entregaram para o gerente do Zaffari. Não dá em nada, mas pelo menos a gente busca os nossos direitos.

Quem vende nas proximidades do Zaffari da Lima vê muita coisa errada relacionada com racismo e preconceito.



Emerson denunciou o preconceito e a discriminação

Teve um dia que tinha um cara negro todo quebrado e do nada tiraram ele pelo pescoço. Também no super da Fernando Machado, os guardas não deixam ficar

perto. Já vão mandando todo mundo sair, mesmo que só estejam vendendo alguma coisa e não pedindo.

Carlos também foi discriminado e des-

respeitado. Ele entrou no supermercado Zaffari da Rua da Praia porque precisava ir ao banheiro. Deu uns 10 passos e o guarda perguntou: “O que é que tu tem dentro do moleton?” Ele ficou surpreso e furioso. Respondeu: “Eu não vou passar vergonha. Vou ligar para a Brigada”. O segurança fez cara de deboche: “Então, tá”. A BM veio rapidinho, revistaram e desconfiaram dos óculos de sol do Carlos. Nisso já tinham chamado o gerente. Mas tiveram que soltar ele porque nem vendiam óculos no local. Carlos fez ocorrência na polícia e falou com um defensor federal que normalmente atende casos parecidos.

Shopping e Praça do Julinho

Brigadianos estão abordando direto quem fica ali pelas proximidades do Shopping João Pessoa, na praça em frente ao Colégio Julinho. Eles chegam e botam todo mundo no paredão, seja homem, seja mulher. Se a gente entrar dentro do Shopping, sempre vem um guardinha pilhado.

Foto Jô /Boca de Rua /Agência Alice



Cadê o Harmonia?

O Harmonia era um albergue a céu aberto para nós. Ali, construímos várias aldeias. Como tinha chuveiros e banheiros, a gente fazia a nossa higiene, lavava a roupa nos tanques e pendurava nas árvores. Até assava uma carniinha nas churrasqueiras, usando os galhos secos caídos. No verão, tinha bastante sombra e de noite dava para aproveitar luz do galpão. Tudo isso sumiu, desapareceu.

Agora nem dá mais para reconhecer o lugar. Virou um canteiro de obras. As pessoas vão ter que pagar para entrar no acampamento dos gaúchos e se fala até num parque enorme, meio Disney, meio Parque dos Dinossauros. Estão destruindo a beleza natural do Harmonia para colocar estabelecimentos comerciais, palcos, estacionamento.

A verdade é que entregaram a orla para os empresários. O Consórcio GAM3 – que reúne as empresas Deboni Empreendimentos, Grupo Austral e a 3M Produções – tem a concessão do Parque Harmonia e da orla 1 do Guaíba pelo período de 35 anos.

A gente já não pode mais nem catar latinha por lá. Até o reveillon foi cobrado. Dizem que é por causa da segurança, porque estava perigoso para a população. Mas fechar os espaços públicos para justificar a ineficiência da Prefeitura é um absurdo. Isso é uma forma de corrupção dos políticos.



As árvores estão cada vez mais raras...

Foto Michelle /Boca de Rua /Agência Alice

MAIS DE 400 ÁRVORES CORTADAS

A Comissão de Saúde e Meio Ambiente (Cosmam) da Câmara Municipal de Porto Alegre fez uma reunião para debater o projeto do Parque da Harmonia no dia 5 de julho. O repórter do Boca de Rua Alexandre Português acompanhou o encontro. Um representante da GAM3, afirmou que tem autorização para cortar 432 árvores. Disse que vai plantar mais, mas as perguntas que ficam são:

- Qual é o sentido de cortar para plantar de novo?
- Onde vão ser plantadas?
- Quanto tempo vai demorar?
- Será que vão cumprir o prometido?

• Venderam esta madeira? Para onde foi o dinheiro? Também foi falado que o piso de concreto é prejudicial para o meio ambiente porque não deixa a terra absorver a água e isso pode causar enchentes. Ao final da reunião, foi decidido que será feito um pedido para as obras pararem porque está acontecendo uma “destruição do meio ambiente”

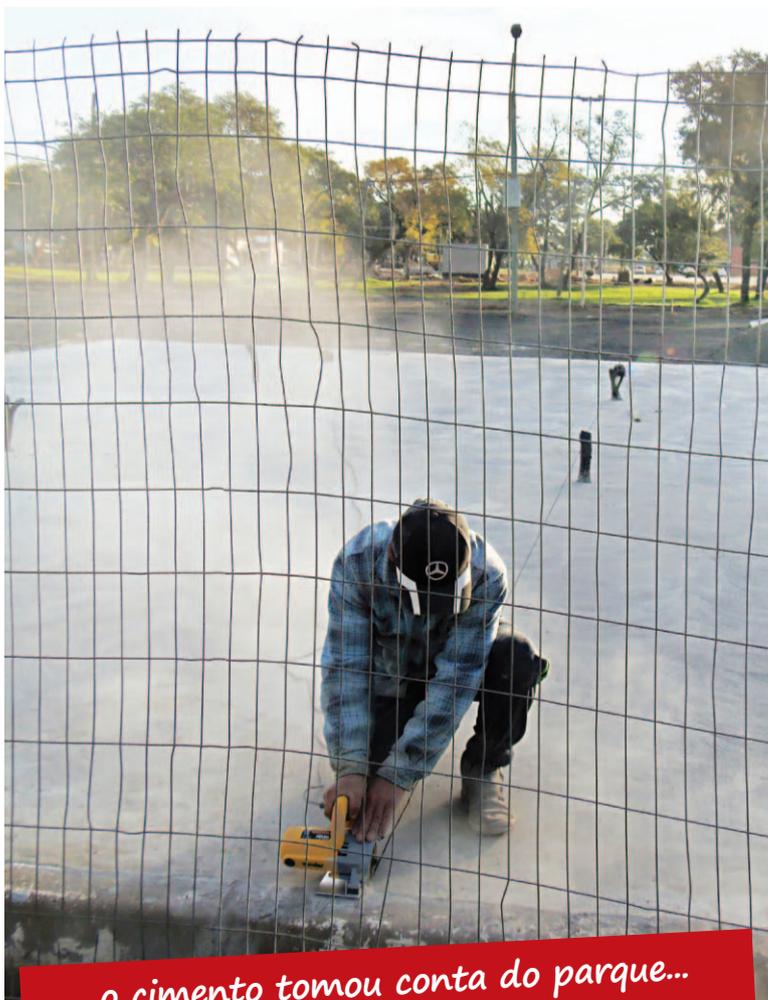


Foto Michelle /Boca de Rua /Agência Alice

... o cimento tomou conta do parque...



Foto Emerson /Boca de Rua /Agência Alice

...e têm máquinas por todo o lugar



NÃO BASTA COMER, TEM QUE COMER BEM

Muito se fala sobre a fome. Mas a fome não é só falta de alimentos. A fome é também comer alimentos que não alimentam. Desde o tempo em que surgiu o restaurante Germina (leia na página 10), a gente vem aprendendo sobre alimentação saudável, de qualidade.

Atualmente a principal fonte de alimento dos moradores de rua são as distribuições voluntárias que o município quer proibir. São vários grupos. Um deles é o Cozinha Solidária do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) que recebe doações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Quem passa necessidade ajuda outros que também passam.



Tentaram fechar a Cozinha Solidária, mas ele resistiu e se manteve aberto mesmo depois da pandemia fornecendo comida saudável para a PopRua e outras pessoas

Foto Jô /Boca de Rua /Agência Alice

Aqui tem almoço grátis

Quem passa no horário do almoço na Avenida Azenha encontra uma fila de pessoas esperando em frente ao portão vermelho do número 608. Ali funciona há um ano a Cozinha Solidária, que de segunda a sexta serve entre 250 e 300 marmitas de forma gratuita. São cerca de 4.000 quilos de comida por mês. O Boca de Rua entrevistou Fernando Campos Costa, militante do MTST e coordenador do projeto.

Como surgiu a Cozinha Solidária?

A ideia surgiu durante a pandemia, quando percebemos que muitas vezes as pessoas recebiam uma cesta básica e não conseguiam transformar em comida porque não tinham uma casa, um fogão, porque não tinham gás. Então, as pessoas precisavam de uma solução pronta, e a solução mais pronta que tem é a comida feita e entregue. Quem está precisando vem aqui e come na hora uma comida quentinha. É uma ideia de acolhimento, de ter um banheiro, de ter uma pia, de po-

der lavar a cara, de poder buscar dignidade. Nosso trabalho começou em setembro de 2021, quando ocupamos um prédio público que estava abandonado aqui na Azenha. Poucas semanas depois fomos despejados, mas a ação nos possibilitou mostrar o que estava acontecendo, a realidade que o pessoal da rua estava vivendo naquele momento em que a ordem era ficar em casa. Todo mundo foi pra casa, mas o pessoal da rua seguiu na rua. Quem não tinha casa não tinha como ir pra casa. Quem não tinha uma pia não tinha como lavar a mão. Nós fomos aprendendo a conviver com a pandemia, com todos os cuidados. Quando fomos despejados, uma vizinha nos cedeu um espaço, mas só deu pra gente montar a cozinha. A gente cozinhava e entregava as marmitas na Praça Princesa Isabel. Só que foi chegando perto da eleição e sentimos que o clima começou a ficar muito violento. Tinha pessoas que a gente não sabe quem eram e que iam antes da gente fazer entrega de marmita, mas fugiam quando a gente chegava. A violência policial também começou a crescer muito ali. Conversamos com vários apoiadores e nos organizamos para alugar esse espaço aqui. Mas precisamos

pagar aluguel, quando o ideal era termos um prédio público cedido pra isso.

De onde vêm os alimentos?

A fonte da comida hoje é a solidariedade, e ela vem de várias formas. A gente recebe doação de movimentos como o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A galera das feiras também nos ajuda bastante, a gente vai lá coletar e eles nos doam. Fazemos pit stops na frente de supermercados pra arrecadar doações. Tem as doações em dinheiro, que ocorrem pelo pix e pelo financiamento coletivo, e tem o pessoal que vem trazer alimentos direto aqui. Sempre chega uma farinha de milho, um óleo de soja, um quilo de arroz ou de feijão. Inclusive a galera que consome às vezes traz também, e isso é muito legal. A gente não tem ainda nenhuma política pública que garanta a alimentação, então não recebemos nenhum dinheiro da Prefeitura, do Estado ou do Governo Federal.

Qual tipo de comida vocês servem?

Como a gente só funciona no horário

do almoço, a gente serve comida mesmo, o básico: arroz e feijão. E mais legumes, verduras, uma proteína, uma mistura. Polenta, mandioca, abóbora, às vezes proteína de soja, alguma coisa sempre tem. Carne é mais difícil, então acabamos servindo mais comida vegetariana, mas uma proteína sempre tem. É uma comida colorida, feita com muito carinho e cuidado.

Pretendem servir café e jantar?

É um sonho. Porque a gente sabe que quando uma mãe grávida passa fome, quando uma criança passa fome na fase de desenvolvimento, isso compromete o futuro. Uma pessoa com o desenvolvimento comprometido pela fome pode carregar problemas de saúde física e mental pela vida inteira. Assim como os idosos, que têm a imunidade mais baixa. É muito importante que mulheres, crianças e idosos venham para a cozinha. Qualquer um pode vir aqui e comer, mas eles são a nossa prioridade. Cada vez que uma pessoa passa fome, é alguém que deveria estar sendo assistido por uma política pública e não está. A cada dia a fome bate pelo menos três vezes, o tempo da fome não é o mesmo tempo do dia.



A colheita é uma festa

“ Eu venho na cozinha sempre que tenho fome, e como tenho fome todos os dias, venho todos os dias. A comida é muito boa, nota 10. Eles estão sempre de parabéns. Se não é eles, a gente passa fome. Tem gente que tem comida sobrando e prefere botar no lixo. Esses dias eu achei um saco cheio de galinhas assadas num container. Aqui na cozinha comunitária não tem isso. Aqui é só chegar ao meio-dia e tem comida de graça, eles te atendem bem. Não tenho nem o que falar, nota 10. Todo mundo precisa comer.” (Carlos Augusto dos Santos)

“ Eu venho sempre aqui e a comida é sempre muito ótima. Antes, quando não tinha cozinha, a gente tinha que ir à luta, e era muito mais difícil pra gente dar um jeito. Agora não. Agora tem comida boa todos os dias.” (Cenira)

“ Eu também venho todo dia e a comida é muito boa. Atendem muito bem, as moças são muito queridas. Todas elas são muito atenciosas, sempre queridas com a gente.” (Fátima)



O MST abriu o seu assentamento para visitantes conhecerem a produção...

Foto Michel/Boca de Rua /Agência Alice



...do seu arroz orgânico que, em parte, é doado para projetos sociais

Foto Michel/Boca de Rua /Agência Alice

No dia 17 de março, o Boca de Rua marcou presença na 20ª Festa da Colheita do Arroz Agroecológico do MST, que aconteceu no assentamento Filhos de Sepé em Águas Claras, Viamão. A festa reuniu cerca de 4 mil pessoas, que puderam acompanhar uma colheita simbólica numa lavoura de arroz. Havia a expectativa da presença do presidente Lula, que acabou não comparecendo. Mas a verdadeira estrela da festa, o arroz agroecológico, estava presente em quase tudo, no carreteiro servido no almoço, na degustação de arroz de leite e até no chope vendido nas barracas dos produtores locais.

O MST é o maior produtor de arroz orgânico da América Latina há pelo menos 10 anos. No Rio Grande do Sul, a estimativa de colheita da safra 2022/2023 nos 22 assentamentos é de mais de 16 mil toneladas. São mais de 350 famílias produtoras de arroz, que plantam principalmente as variedades do grão agulhinha e cateto. Só no Filhos de Sepé, numa área de 1650 hectares, as 156 famílias produtoras de arroz agroecológico colheram 155 mil sacas de 50 quilos.

A festa foi linda e o dia de sol também ajudou. A mística de abertura foi muito bonita, assim como a cerimônia simbólica da colheita. Foi uma experiência muito legal poder ver as lavouras repletas de arroz orgânico saudável e as máquinas funcionando na colheita. Ao final, foi servido um almoço bem farto e delicioso.

Como ajudar

O projeto das Cozinhas Solidárias do MTST já implementou 32 cozinhas em 11 estados e no Distrito Federal. É possível ajudar o projeto através de doações em dinheiro pelo financiamento coletivo (<https://apoia.se/cozinhasolidaria>) ou pelo pix (chave e-mail: rededeabastecimento@gmail.com). No local, a Cozinha Solidária também recebe doações de alimentos e de potes plásticos, que podem substituir a marmita de isopor. Uma campanha lançada recentemente destaca que, além do aspecto ambiental, quase metade do gasto mensal da Cozinha é com as embalagens de isopor, valor que poderia ser revertido na aquisição de alimentos. Vale até pote de sorvete. É só entregar na Avenida Azenha, 608, de segunda a sexta, das 9h às 14h.

“Não se dá soco em faca”

Para quem mora na cidade, parece que a comida surge do nada. Não se perguntam: Quem plantou? Quem trouxe para a cidade? Quanto do preço volta para o produtor? Como a seca afeta o alimento? Nossa amiga e colaboradora Cha, que fez o filme sobre nós, está morando hoje no Recife e participa do MST. Ela nos contou como é por lá.

Como é a vida em uma ocupação do MST?

É um povo unido, acolhedor e muito trabalhador. As pessoas estão em pé às 5, 6 da manhã, porque lá o sol é a mil. Às 9 horas já está muito calor. Também tem bastante festa com música e dança.

Qual o objetivo do MST?

O MST é um movimento que luta pela Reforma Agrária, para que todas as pes-

soas que plantam tenham direito à terra, que está na mão dos grandes fazendeiros e, muitas vezes, é improdutivo. Também produz alimentos saudáveis e se dedica a despertar na periferia urbana, o desejo de se aproximar do campo. A gente vai para a favela, faz hortas comunitárias, conversa com o povo. No fim de semana organiza vivências solidárias em assentamentos.

Por que não teve ocupações de terra no governo Bolsonaro, que era pior, e agora teve, no Abril Vermelho?

Existe um provérbio que diz: “Não se dá soco em faca”. Os latifundiários têm milhares de terras, mas, para a Reforma Agrária dar certo, é preciso que o governo regularize esta divisão e o governo do Bolsonaro nunca faria isso. Pelo contrário, ele estimulava ocupar a terra para a mineração, que acaba com as florestas, contamina os rios e o ambiente com mercúrio. Para o movimento,

seria suicídio, porque podia até levar tiro. O governo do Lula tem mais diálogo, por isso as ocupações voltaram, porém, sempre em terras improdutivas e para produzir comida para o povo brasileiro.



Foto Cha/Boca de Rua /Agência Alice



VIVENDO E APRENDENDO

Enquanto a gente vive, a gente vai aprendendo. O povo da rua aprendeu a comer sem carne quando surgiu um restaurante chamado Germina. Era de uns jovens que acolhiam as pessoas sem discriminação dentro do restaurante. Serviam como qualquer outro cliente. Só que lá a comida era diferente. No começo, a gente estranhou, mas depois viu que era boa. Alguns, como o Carlos até aprenderam a fazer e viraram cozinheiros por lá. O Germina deu origem ao Clube de Pães Amada Massa, onde trabalham vários integrantes do Boca.



Foto Amada Massa

O Restaurante Germina acolhia moradores de rua e fez eventos para apoiar o Boca. Os donos ensinavam o pessoal a fazer alimentos saudáveis e daí nasceu a Amada Massa

A boa idéia germinou

“O Coletivo Germina existiu entre 2016 e 2018. Foi um espaço/restaurante que servia diariamente comida vegana e que não tinha um preço determinado pelas refeições, era um processo de corresponsabilização financeira que chamávamos de sem preço. Foi a materialização do mundo que as pessoas que o fizeram e sua rede acreditavam. Fazíamos o que fazíamos pela Libertação Animal e pela Libertação Humana, o que para nós não poderiam ser dissociadas. Através do alimento que preparávamos agíamos pela libertação animal, através da forma que o preparávamos e a forma pela qual nos relacionamos e com quem se conecta conosco agimos pela libertação humana.

Para nós não é possível ou funcional uma sociedade que fecha ou abre as portas considerando quanto de dinheiro uma pessoa possui. É também por essa razão que não sugerimos valores. Nenhuma linha imaginária que gere algum tipo de exclusão nos é possível.

A partir dessa filosofia a relação com as pessoas em situação de rua e/ou vulnerabilidade social tinha um terreno fértil para se fortalecer. Alguns dos integrantes do Coletivo já possuíam relação com a ‘galera da rua’, já havíamos realizado eventos em parceria e daí pra ter a presença constante no nosso espaço/restaurante foi um passo. Acredito que tudo se baseia na confiança que as pessoas sentem na relação que estabelecem entre

si. Foram momentos maravilhosos, tivemos jantar do Boca de Rua, do MNPR/RS, algumas pessoas que faziam e fazem parte do Boca também trabalharam com a gente, gerando sua renda e colocando em prática uma profissão que já sabiam ou aprendendo uma nova. O Germina foi a primeira casa da Amada Massa, lá a gente fazia toda a logística com a kombi que era do coletivo. Para mim, e tenho certeza que pra todas do coletivo, servir a galera e abrir esse espaço era um ato de reparação, a partir de uma tentativa de ocupar o mesmo lugar e mesmo que por alguns minutos/horas fazer acontecer uma vida diferente.”

Depoimento Daniel Luis da Silva (Dani)



Cardápio preferido da PopRua

Feijoada, Massa com Feijão, Carreteiro de Shitake, Baião de Dois e os tradicionais burgers veganos

Justiça indigesta

Michel errou o endereço de um evento que o Boca iria participar. Foi parar no Ministério Público. Como ali estava acontecendo uma reunião sobre alimentação (agrotóxico nas lavouras) e o jornal trabalhava este assunto, entrou no auditório. “Sou repórter, pode ser que tivessem discutindo coisas que poderiam ajudar na matéria”, diz. Ficou ouvindo. Lá pelas tantas pediu o microfone para fazer uma pergunta. Mas nem terminou de falar e tiraram o microfone dele. Foi uma atitude indigesta. “Fiquei com muita vergonha. Depois me pediram desculpas porque alguém de lá conhecia o Boca e respeitava nosso trabalho. Eu disse que não adiantava porque já tinham humilhado. Isso não se faz.” E disse mais: “Vocês, com todos estes perfumes, xampus e desodorantes também estão usando venenos, como os agrotóxicos dos alimentos que falaram”. E fui embora.



Arroz, feijão e muito mais

A maioria das pessoas não pode imaginar a vida sem arroz com feijão. Este prato bem brasileiro está em primeiro lugar na Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). E isso não acontece por acaso porque estes dois formam um casal perfeito, fornecendo grande parte das proteínas de origem vegetal e aminoácidos que precisamos comer diariamente. Entretanto, existem outras opções. Confira a entrevista com Nadine Marques, nutricionista e pesquisadora assistente da Cátedra Josué de Castro



O prato típico dos brasileiros é saudável e alimenta bem, mas está cada dia mais caro

Foto Boca de Rua / Agência Alice

sua versão integral, e procurando ter uma alimentação rica em vegetais, que seja também bastante variada e colorida, não é tão fácil comer carboidratos em excesso.

Porém, se itens como refrigerantes, pós para refrescos e néctar, biscoitos doces, bolos, sobremesas, chocolate e guloseimas em geral forem frequentes e abundantes na alimentação, ou mesmo se houver o hábito de adicionar açúcar em bebidas consumidas em grandes quantidades diariamente, o risco de cáries, diabetes e gordura no fígado aumenta bastante.

O que são alimentos ultraprocessados? Fazem mal?

Alimentos ultraprocessados são formulações industriais feitas totalmente ou em sua maior parte a partir de substâncias extraídas de alimentos (óleos, gorduras, açúcar, amido, proteínas), derivadas de partes dos alimentos (gorduras hidrogenadas, amido modificado) ou produzidas em laboratório com base em materiais como petróleo e carvão (corantes, aromatizantes, realçadores de sabor e vários tipos de aditivos usados para tornar essas formulações mais atraentes aos sentidos). Eles são produzidos a partir de técnicas que somente as indústrias conseguem fazer, além de poderem ser pré-processados por fritura ou cozimento.

Alguns exemplos de ultraprocessados são as guloseimas, refrigerantes, bebidas energéticas e outras adoçadas com açúcar ou adoçantes, pós para refrescos, embutidos e produtos derivados de carne e gordura animal (como a salsicha), produtos congelados prontos para aquecer, produtos desidratados (como misturas para bolo, sopas em pó, macarrão instantâneo e tempero pronto), salgadinhos “de pacote”, cereais matinais, barras de cereal, entre muitos outros. Pães e produtos panificados tornam-se alimentos ultraprocessados quando, além da farinha de trigo, fermento, água e sal, seus ingredientes incluem substâncias como gordura vegetal hidrogenada, açúcar, amido, soro de leite, emulsificantes e outros aditivos.

Os ultraprocessados fazem mal porque têm uma composição nutricional desequilibrada, contando, por um lado, com o excesso de gorduras, açúcar e sódio, aumentando o risco de obesidade e doenças do coração. Por outro lado, esses alimentos são pobres em nutrientes benéficos como fibras, vitaminas e minerais, fundamentais para evitar doenças como a osteoporose, o câncer e o diabetes.

A indústria de alimentos tem bastante lucro produzindo e comercializando esses produtos. Por conta disso, se utiliza de estratégias de propaganda (pessoas famosas) e marketing (descontos, brindes e promoções) bastante poderosas. A partir dessas estratégias, estimula-se a compra e consumo cada vez mais ultraprocessados.

Por isso, é tão importante saber mais sobre eles e se habituar a ler os rótulos.

A combinação de alimentos do grupo dos cereais com alimentos do grupo dos feijões resulta em uma fonte de proteínas de muito alta qualidade. O mais interessante é tentar sempre alternar, ou seja, evitar repetir o mesmo alimento por muitas refeições seguidas.

Por que a comida saudável, vegetariana ou não, é mais cara?

A ideia de que a alimentação saudável custa necessariamente mais do que a alimentação não saudável não é confirmada por dados da realidade. No Brasil, a alimentação baseada em alimentos in natura ou minimamente processados e em preparações culinárias feitas com esses alimentos ainda é mais barata do que a alimentação baseada em alimentos ultraprocessados.

Essa impressão de que a alimentação saudável é necessariamente cara vem do preço relativamente mais alto de alguns alimentos percebíveis como legumes, verduras e frutas.

Aqui há dois problemas. O primeiro é que esses alimentos são, e devem ser, consumidos com outros que têm menor preço (arroz, feijão, batata, mandioca). O segundo é que nem todas as variedades de legumes, verduras e frutas são caras, particularmente quando são compradas na época de safra.

Para economizar, é melhor preferir variedades que estão na safra e comprar esses alimentos diretamente dos produtores ou por meio de grupos coletivos de compras e nas feiras no horário da “xepa” (no final da feira).

A indústria da carne cria os animais com muitos hormônios. Também tem o estresse da hora que se mata o animal, que libera toxinas. Isso gera doenças?

O uso de hormônios no gado é proibido no Brasil desde 1986, e na criação de aves desde 2004. No momento em que o animal é morto, se não houver manejo adequado, visando seu

bem-estar, os animais podem liberar hormônios do estresse. Porém, não existem estudos que comprovem que esses hormônios causam doenças. É preciso que as práticas de abate sejam cada vez mais melhoradas.

Qual a relação de alimentos com agrotóxicos com o desenvolvimento de câncer?

Os efeitos dos agrotóxicos sobre a saúde humana e o meio ambiente vem sendo estudados, apesar de os pesquisadores do tema encontrarem bastante resistência, como vimos recentemente com a Larissa Bombardi, que foi para fora do país em 2021 depois de uma série de ameaças recebidas devido a seu trabalho.

Bem antes disso, em 2015, a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) publicou um relatório que apresenta uma revisão crítica sobre os diversos efeitos negativos dos agrotóxicos. O “Dossiê Abrasco – Um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde”, mostra que os efeitos crônicos podem ocorrer meses, anos ou até décadas após a exposição, manifestando-se em doenças como cânceres, má-formações congênitas, distúrbios endócrinos, neurológicos e mentais. Além disso, o uso intensivo de agrotóxicos pode levar à degradação do meio ambiente, perda de biodiversidade e a contaminação das fontes de água potável.

Faz mal comer carboidratos demais? É o que mais sacia.

Os carboidratos são nutrientes fundamentais para o funcionamento do corpo como um todo, mas especialmente do cérebro. Eles são encontrados em muitos alimentos, como: cereais (arroz, milho, trigo, aveia), tubérculos e raízes (mandioca, batata, cará e inhame), mais difíceis de digerir; as frutas, de mais fácil digestão; e açúcar, o mel e os doces, que o corpo digere e utiliza com rapidez e facilidade.

Preferindo alimentos *in natura* e minimamente processados, fontes de carboidratos na

Na falta de arroz e feijão, cada vez mais caros, o que é bom para substituir?

Podemos pensar em substituições a partir de pelo menos dois diferentes pontos de vista: o nutricional e o cultural/regional. Olhando para os nutrientes presentes no arroz, ele pode ser substituído por outros alimentos do grupo dos cereais, como o milho e o trigo, e por alimentos do grupo das raízes e tubérculos, como a mandioca, a batata, a mandioquinha, o cará e o inhame. É melhor dar preferência aos alimentos in natura e minimamente processados, isto é, aqueles que consumimos da forma como a natureza nos oferece ou perto disso. Dependendo das tradições culinárias de cada região do país, outros alimentos podem derivar desses e substituir o arroz, como é o caso das farinhas de milho, trigo e mandioca, que dão origem a preparações como a polenta, o cuscuz, a farofa e o macarrão.

Vale lembrar que é preciso prestar atenção à lista de ingredientes desses alimentos. O macarrão instantâneo e pães com ingredientes como gordura vegetal hidrogenada, açúcar, amido, soro de leite, emulsificantes e outros aditivos são alimentos ultraprocessados e devem ser evitados.

Já olhando para os nutrientes presentes no feijão, encontramos uma família maior, composta pelos diversos tipos de feijão (carioca, preto, fradinho, branco, mulatinho, feijão-de-corda), além de outros grãos, como a ervilha, a lentilha e o grão de bico. No caso de um ou mais tipos estarem com preços mais altos, é sempre possível procurar outros “membros da família” que estejam com valor mais acessível.



CONFERÊNCIAS DEBATEM SAÚDE MENTAL

O Boca participou das Conferências Municipal e Estadual da Saúde ocorridas em Porto Alegre. O Edison – que também representa o Movimento Nacional da População de Rua (MNPR/RS) – foi, inclusive, escolhido como um dos delegados na Conferência Nacional, em Brasília dentro das cotas reservadas aos moradores de rua, negros e pessoas com deficiência. E a Michelle teve uma moção aprovada, em que falava da necessidade da PopRua ser atendida sem discriminação em todos os postos de atendimento de saúde.

Entre os diversos eixos de discussão, um dos destaques foi a saúde mental, que é sempre a última da fila na prioridade das políticas de saúde. E talvez seja um dos problemas mais frequentes na população de rua, porque viver na rua – dependendo da boa vontade das pessoas para comer, sendo corrido de tudo quanto é lugar, com os órgãos públicos recolhendo o pouco que temos, sofrendo preconceito, racismo e violência da polícia – pode enlouquecer qualquer pessoa.



Foto Boca de Rua / Agência Alice

Integrantes do Boca participaram das Conferências da Saúde, representando também o MNPR

Visita inesperada

Um belo dia, chegou uma moça na reunião do Boca querendo nos ouvir. Ela se chamava Juliana, era estudante de Psicologia e estagiária do São Pedro na área da Saúde Mental. Geralmente o pessoal chega querendo falar, anunciar alguma coisa, avisar, convidar. Mas ela queria só ouvir, porque ia participar de um seminário sobre saúde mental coletiva e achava que antes de decidirem ou de darem opinião, os profissionais precisam ouvir os usuários. A gente aproveitou e também fez algumas perguntas sobre suas opiniões. Afinal, somos repórteres.



Foto Jó / Boca de Rua / Agência Alice

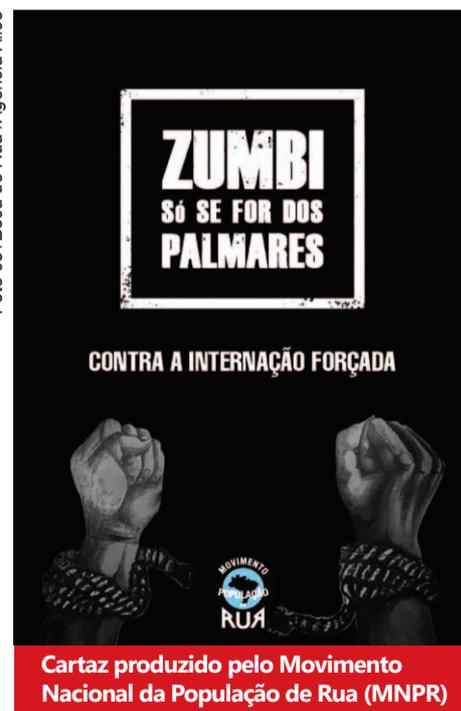
Juliana esteve no Boca para saber o que a PopRua pensa sobre saúde mental

Qual a proposta do governo para uma pessoa tratar a sua saúde mental?

Bem, vou falar a minha opinião. A internação compulsória é o último recurso e só acontece com ordem judicial. O que se quer é o tratamento sem necessidade de internação.

Mas não tem acolhimento, não tem portas abertas. Nas Unidades Básicas de Saúde não somos bem tratados, fazem cara de nojo.

Sim. Infelizmente às vezes quem mais precisa não recebe encaminhamento e tratamento. Entre o que está previsto e o que é feito, existe um abismo e isso



Cartaz produzido pelo Movimento Nacional da População de Rua (MNPR)

precisa ser mudado. As pessoas têm que ser ouvidas e por isso vim aqui. Ninguém me mandou. Eu vim porque quando estiver lá falando sobre saúde mental, não quero só falar a minha opinião. Ou melhor: quero que minha opinião tenha base na opinião e no conhecimento de vocês. Obrigada por me receberem.



Para os ricos, é depressão. Para os pobres, chamam de loucura. E tem outras diferenças, também, no tratamento que muitas vezes para nós é parecido com uma prisão ou uma sala de tortura. Outra coisa: a desintoxicação é tratada quase como doença mental em muitas clínicas e centros e reabilitação.

Depressão também dói

“Pedi para minha família me ajudar porque eu estava só na cachaça, nem conseguia comer direito. Me mandaram para um centro de reabilitação. No começo achei muito chato. Eu não fazia nada, o tempo não passava. Então, me convidaram para trabalhar na cozinha e melhorou. Eu até achava que estava bem, mas quando me deram autorização para fazer uma saída, fiquei com medo de recair porque era Carnaval. Na padaria, no verão, a gente no forno, nem precisava de sal. Era só torcer a camisa. Ficou melhor quando fui para o almoxarifado e a perfumaria. Um dia, a fiscalização bateu e mandaram os donos fazer um monte de reformas. Passei bastante tempo por lá e vi muita coisa. Fuga, gente que ficou pirada, briga, pessoa chapada de tanto remédio, contida ou amarrada na cama com ‘teresa’ (corda). Um deles entrou em depressão, não comia, não falava. A gente dizia que ‘atravessou o espelho’. Mas eu sobrevivi e estou limpo” (K)

“Fico dentro do quarto escuro e vejo sombras, vejo bichos, escuto vozes, olhos espiando nas frestas” (A.)



Desenho Cotravipa

A arte é um remédio eficiente para muita gente

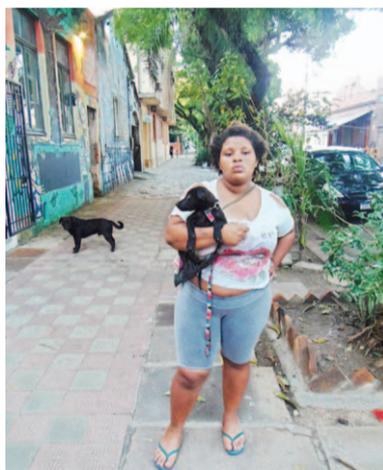


Foto Marcos /Boca de Rua /Agência Alice

Simoni se sente muito melhor quando está com seu cachorrinho



Foto Alexandre Português /Boca de Rua /Agência Alice

Os filhos também podem ajudar nos momentos de angústia

“Tentei me matar três vezes. Perdi a guarda dos meus filhos porque disseram que eu não tinha condições de criar. Meu padrasto batia na minha mãe, meu irmão e minha irmã morreram e meu companheiro me ameaçava. Acho que foi por tudo isso que acabei com problemas de saúde mental. Às vezes quero ficar dentro de casa sem conversar com ninguém. Não durmo, não consigo fazer nada, só tenho vontade de chorar. Tomo vários remédios para depressão”. (S.)

“Dá um aperto, uma angústia, parece que vou sufocar. É como se eu estivesse dentro da água me afogando. Tento sair, mas os problemas não saem dali da minha cabeça. Sinto vontade de me matar, mas aí olho meus filhos. Quando fui internada, foi horrível. Era com uma cadeia, com grade e tela. Grito dia e noite, um mais louco do que outro. Gente amarrada. Vi uma se enforcar com a própria amarra. Não se dorme nunca ou deixam a gente grogue e aí a gente apaga. Cheguei a passar dois dias sem acordar. Muitos são abandonados pela família por lá. Nunca mais ninguém aparece.” (H)

Como se acalma o desespero?

Quando a pessoa entra em desespero, é difícil se controlar. Mas às vezes tem algumas coisas que ajudam. Veja algumas sugestões de quem já passou por isso:

- Limpe tudo que estiver por perto, arrume a casa inteira
- Ligue a câmara ou o gravador do celular e fale como se estivesse desabafando com alguém, uma espécie de amigo imaginário
- Fume um baseado ou um cigarro

- Tome um trago, ou café ou chá
- Dê uns gritos
- Coma um doce bem bom
- Caminhe, caminhe, caminhe
- Ouça música
- Desenhe
- Fique bem quieta e sozinha/o
- Pegue os/as filhos/as no colo ou brinque com eles/as
- Abraçe seu cachorro
- Veja um filme
- Procure um amigo



Foto Jô /Boca de Rua /Agência Alice

Os integrantes do Boca e os universitários trocaram ideias durante mais de duas horas

ESTUDANTES ABREM OS OLHOS

No dia 14 de junho os estudantes de psicologia comunitária da Universidade LaSalle foram até a Casa Alice conversar com integrantes do Boca. A proposta do professor Felipe Vilanova era sair da universidade para conhecer mais a vida real. Além do nosso jornal eles estiveram no Quilombo dos Machado, na aldeia indígena Mbyá-Guarani Pindó Poty, na Central Única dos Trabalhadores (CUT) e na Associação dos Catadores de Material Reciclável Renascer. Esperamos que eles tenham aberto os olhos para a realidade das ruas. Aliás, falando nisso, também assistiram ao filme “De olhos abertos”!

PEQUENO MANUAL PARA PESQUISADORES

Que nós somos doutores em Rua-ologia, nossos leitores já sabem. Por isso, muita gente da universidade gosta de fazer trabalhos sobre a nossa realidade, querendo aprender com a gente.

Pensando nisso, a gente se reuniu com uma das nossas colaboradoras, Talita Fernandes, que está fazendo uma tese de doutorado sobre o Boca, que vai ser defendida em breve na Geografia da UFRGS, e nele vai discutir sobre ética nesse tipo de pesquisa acadêmica. Ela nos perguntou: o que nós achamos importante que as pessoas saibam quando quiserem fazer trabalhos aqui? Que comportamentos são bons e quais a gente não acha legais? Aqui estão nossas respostas:

Pra fazer pesquisa no Boca, a pessoa:

- 1) Tem que entender que os integrantes do Jornal não são ratos de laboratório.
- 2) Tem que ter uma troca com o grupo.
- 3) Precisa frequentar o grupo para criar vínculo com os integrantes – mesmo que o trabalho analise só as matérias impressas. Quem mora longe ou trabalha fora na hora da reunião pode

conversar com a gente para combinar como se aproximar do grupo.

4) Antes de apresentar o trabalho na universidade é preciso mostrar o trabalho final para o Boca.

5) Cada trabalho é um, então tem que vir falar com o grupo e ver se o grupo aprova a proposta de pesquisa, porque o trabalho acadêmico sobre o Boca pode ajudar a desfazer preconceitos sobre a gente, mas contém informações que podem ser usadas contra nós.

6) Por isso, não dá pra escrever sobre nós do jeito que quer. Não dá pra falar sobre nós sem nós, porque aí é a mesma coisa que não falar nada.

7) Não dá pra nos chamar no trabalho de mendigo, usuário, marginal, miserável ou coisas assim.

8) O certo é “pessoa em situação de rua”, “com trajetória de rua” ou “em situação de vulnerabilidade social”.

9) O grupo quer uma cópia do trabalho publicado, impressa, pra ter na nossa sede, a Casa Alice.

A gente não acha legal:

- Quando a pessoa faz um trabalho

sobre o Boca sem nunca vir no Boca

- Quem vem uma vez, faz o trabalho e nunca mais volta pra mostrar pra gente como ficou

IMPORTANTE:

Quem nos convidar para dar palestras ou participar de eventos, solicitamos como contrapartida:

1. Transporte para os participantes
2. Lanche para os participantes
3. Compra de pelo menos 50 exemplares para ajudar na impressão do nosso jornal ou de 30 exemplares e mais liberação com venda livre no local.

CONTATOS:

Para agendar visitas, entrevistas ou lives, entre em contato com rosinadeduarte@gmail.com ou pelo (51) 984044563. Como temos muitas solicitações, precisa ser com uma certa antecedência. O número máximo de visitantes nas reuniões – que acontecem nas terças-feiras, das 14h30 min às 16h30min, na Casa Alice (Olavo Bilac, 188), é de cinco pessoas, a não ser em casos muito especiais (a combinar).



Filme do Boca passa de 4 mil visualizações

“ Para um documentário longa-metragem independente como De Olhos Abertos, feito praticamente com o dinheiro do bolso e junto com uma das populações mais marginalizadas da sociedade, chegar a 4000 visualizações numa megaplataforma capitalista (Youtube) é algo que, humildemente, se comemora.

Muitos desses acessos são devidos à maravilhosa iniciativa da Bombozila, plataforma e catálogo (anticapitalista) de documentários latinoamericanos que, aliás, está passando por uma fase de renovação. Dá uma olhada lá!

E além desse cyberpúblico viralizador, vale lembrar que dezenas de sessões aconteceram também (e seguem acontecendo) em cinemas, escolas, universidades, centros culturais, Sesc, festivais, casas ou até mesmo na rua, promovendo debates sobre os direitos da população em situação de rua e levando a voz do Jornal Boca de Rua pelo Brasil afora.

Um salve também à Ana Carolina Pereira, que coordenou toda essa campanha nas redes, sem a qual não teríamos conquistado nem a metade desse público curioso.

No que me diz respeito, ando meio presa nos corres da vida, neste ano de grande mudança, mas espero poder voltar em breve à escrita de novos projetos. É só uma questão de tempo, mesmo.

Sigamos firmes e fortes.”

Depoimento de Cha Dafol, diretora do filme



Nasce Jornal À Margem

Um jornal inspirado no Boca nasceu no Centro de Atenção Psicossocial (Caps) da cidade de Ijuí. Se chama “À Margem” e é feito pelos usuários junto com a equipe que atende por lá (psicólogas, terapeuta ocupacional, técnico de enfermagem e professor de música). O número 1 saiu em maio e o pessoal veio a Porto Alegre para nos conhecer e apresentar o trabalho deles. Foi um encontro muito interessante com troca de experiências. Falamos bastante de como o nosso jornal é feito, as vantagens e dificuldades. Também nos oferecemos para ajudar no que for possível. Parabéns Lucas, Osvaldo, Simone, Nega, Renato, Dionatan, Seca, Volnei, Cirilo. Edí, Paulo, Anderson, João Carlos, Mötke e Joaquina. Não se assustem com as dificuldades, sigam em frente!

Maiores informações: (55) 3024 8026 ou (55) 9963 73198



Os jornalistas do “À Margem” e a equipe de apoio se inspiraram no Boca e vieram de Ijuí para conhecer nosso projeto



Foto Jô /Boca de Rua /Agência Alice

ARTE BOCA | MICHEL EM QUADRINHO

Pablito Aguiar desenha histórias. Algumas delas já foram publicadas. Ele se interessou pela vida da PopRua e se aproximou do Boca e da Amada Massa. Daí surgiu o quadrinho do Michel e logo ele também estará fazendo um trabalho sobre o Beirão e a Michelle.

Por que o Michel, Pablito? “Eu não procurei o Michel, quem me procurou foi

ele. Me perguntou quem eu era e o que eu estava fazendo ali na reunião do Boca. E quando eu disse que contava histórias reais em quadrinhos, ele começou a contar a dele. Orgulhoso do que me dizia. Eu não tive outra escolha a não ser desenhar suas palavras. Obrigado Michel por ter me escolhido! Abração e sucesso, cara!”



Participaram desta edição: Alexandre Português, Andressa Carvalho, Ana Paula Santos da Silva, Anderson Luís Joaquim Corrêa, Carlos Henrique Rosa da Silva, Cláudio José Ribeiro, David Mathias Becker, Diogo Macedo, Edisson José Souza Campos, Emerson Casagrande da Silva, Fábio Saraiva Corrêa, Glessias Santos Garcia, Jó Elias, Jones Rosa dos Santos Barbosa, Josiane de Oliveira, Marcos Rodrigo da Silva Scher, Marcos Santos Alves, Michelle Aparecida Marques dos Santos, Michel Vasconcelos dos Santos, Maria Helena Moraes de Lima, Paulo Ricardo da Silva, Paulo Águas, Roberta dos Santos Fernandes, Simoni Gonçalves Machado.



Assine o Boca!

Com o apoio da Agência de Publicidade Shoot, estamos lançando uma campanha de assinaturas não só para o Rio Grande do Sul, mas também para São Paulo. A ideia surgiu quando Carlos, do Boca, encontrou Marcos, da Agência, pela noite. Conversaram e aí tudo começou. Foram vários meses de troca de reuniões, negociações e visitas tanto no Boca quanto na Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação (ALICE), que é a Ong ALICErce do nosso jornal.

Conheça mais e colabore assinando ou compartilhando a notícia entre seus conhecidos e amigos. Desta maneira poderemos continuar sendo independentes, sem financiamento de empresários ou políticos.

Obrigada equipe da Shoot, que fez este trabalho voluntariamente, respeitando nossas ideias e sugestões. Um obrigado, também, à Mousse Serigrafia, nossa parceira na Casa Alice e que facilitou bastante a impressão das camisetas. Valeu!

=BOCA= RUA=

Este jornal foi produzido (fotos, textos e ilustrações) por pessoas com trajetória/situação de rua e risco social de Porto Alegre sob a coordenação da Alice. A receita obtida com os exemplares vendidos é revertida para os integrantes do grupo.

Edição: Rosina Duarte

Projeto gráfico e diagramação: Cristina Pozzobon

Rede Boca de Rua: Luiz Abreu, Cha Dafol, Roberto Abreu, Eliége Kich, Rosana Toniolo Pozzobon, Annekatrien Fahlke e Vanessa Kovara

Colaboradores: Luiza Maia, Thaís Amaral, Lawis Sfoggia, Caroline Sarmento Ana Carolina Pinheiro, Arthur Viana, Lawis Sfoggia e Talita Fernandes

Apoio: Instituto Koinós, Documental Fotos e Paulo Afonso Consultores de Marcas e Patentes



A Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação (Alice) trabalha na defesa do direito à comunicação, a cultura, a arte e a convivência harmônica em uma sociedade sustentável. Realiza projetos alternativos e autônomos com comunidades negligenciadas, contribuindo para democratizar a informação, romper preconceitos e construir um mundo mais justo.

Endereço para correspondência
alice@alice.org.br | www.alice.org.br



O jornal Boca de Rua é filiado a International Network of Street Papers (INSP)

@jornalbocaderua

SIGA, CURTA, COMPARTILHE.



assine:
bit.ly/AssineOBoca